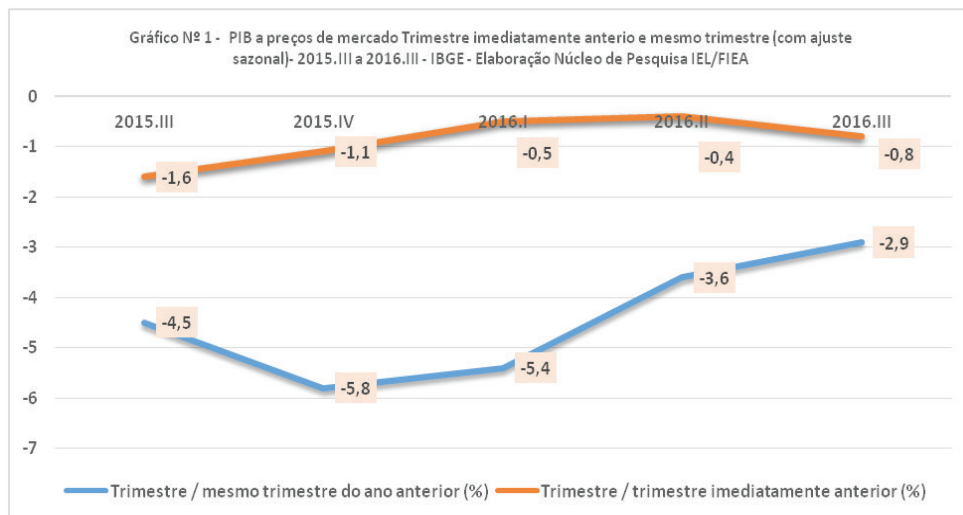




SÍNTESE PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

A ECONOMIA BRASILEIRA NO 3º TRIMESTRE DE 2016

A economia brasileira no terceiro trimestre de 2016 aumentou a contração na margem em relação ao segundo, revertendo a tendência de desaceleração da taxa de retração, que passou de -0,4% para -0,8%. Em relação a igual período do ano anterior, manteve-se a tendência de diminuição da taxa de contração do PIB, como pode ser observado no gráfico nº 1. Os desempenhos ruins no terceiro trimestre da produção industrial que caiu 1,1%, feito o ajuste sazonal, e do volume de vendas no varejo ampliado que recuou 2,7% contribuíram para o resultado insatisfatório do PIB neste período. No lado da demanda, o consumo das famílias continuou retraindo no terceiro trimestre do ano em relação a igual período em 2015 (-3,4%), assim como os gastos do governo (-0,8) e os investimentos (-8,4%). Os fatores por trás destes indicadores negativos mantêm-se, basicamente, os mesmos: a) aumento paulatino na taxa de desemprego, 11,8% no terceiro trimestre contra 8,9% no mesmo período de 2015; b) mesmo em processo de desalavancagem, a taxa de endividamento das famílias ainda é muito elevada, em torno de 43% da renda, segundo o Banco Central, o que limita o seu potencial de consumo, principalmente com aumento da taxa real de juros; c) o crédito tanto para famílias como para empresas ainda continua racionado em função do aumento significativo da provisão de crédito duvidosos por parte dos bancos, com médias móveis trimestrais crescentes; d) além da dificuldade de acesso ao crédito, a redução gradual da taxa básica de juros praticada pelo BCB, discutida no próximo tópico, tem dificultado a retomada da economia e frustrado as expectativas dos



empresários; e) a espera das reformas estruturais, o contingenciamento dos gastos públicos e redução das receitas em função do agravamento da recessão tem sustentado a contração do consumo do governo; e f) a manutenção da mesma taxa de retração dos investimentos no terceiro trimestre em relação a igual período do ano anterior aponta para o estacamento do forte crescimento da produção de bens de capital, estimado por alguns empresas de consultoria da ordem de 6,8% no segundo trimestre em relação ao primeiro, que sinalizava uma possível retomada dos investimentos.

A instabilidade da taxa de câmbio com tendência a apreciação levou a queda expressiva das exportações no terceiro trimestre e redução da taxa de retração das importações, frustrando as expectativas positivas das empresas exportadoras

e das voltadas para o mercado interno favorecidas pela substituição das importações. Do ponto de vista da produção, todos os setores apresentaram contração no terceiro trimestre em relação a igual período do ano anterior: agropecuária (-6,0%); indústria (-2,9%); e serviços (-2,2). O cenário continua muito complicado para a recuperação da economia brasileira e alguns bancos, como o Bradesco, já projetam retração de -0,3% na margem no quarto trimestre e estão revisando para baixo as taxas de crescimento para 2017. Sem a retomada dos investimentos aumenta o risco de estagnação da economia brasileira. O problema é que a capacidade ociosa muito alta, investimentos públicos em infraestrutura muito baixos e muita incerteza tanto política como econômica desestimulam os investimentos privados.

BANCO CENTRAL REDUZ GRADUALMENTE A SELIC

O Banco Central do Brasil na última reunião do ano do Comitê de Política Monetária (COPOM) realizou mais um corte 0,25% na selic, que fechou 2016 em 13,75%. Tal ritmo configura redução gradual e um ciclo de baixa mais longo do que o esperado anteriormente pelo mercado financeiro. No dia seguinte a reunião o mercado começou a precificar o aumento da incerteza no cenário externo na postura mais cautelosa do Banco Central expressa no comunicado divulgado após a decisão. Esta preocupação do BCB levou os investidores a reduzir as apostas em um corte maior da taxa Selic na

reunião de janeiro. Por sua vez, como as expectativas de inflação para os próximos doze meses continuam caindo, no ranking de novembro de quarenta países o Brasil continua com a maior taxa real de juros do mundo, seja descontando a inflação dos últimos doze meses, seja para a inflação projetada. Neste último caso a nossa taxa é quase o dobro da do segundo lugar: 8,53%aa contra 4,46% da Rússia. Em função do ritmo mais lento de redução da selic e do aumento da taxa real de juros, o Bradesco já revisou para baixo a taxa de crescimento da economia para 2017, de 1,0% para 0,3%, e a mediana do mercado

financeiro, vem acelerando a queda para este mesmo indicador a partir do início de novembro, passando de um pico de 1,4% em setembro para 0,8% no início de dezembro. O FMI trabalha com uma projeção de 0,5% de crescimento do PIB para 2017, mas se a economia não reagir no primeiro trimestre do próximo ano, aumenta a probabilidade de continuidade da recessão e risco de estagnação.



A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM OUTUBRO DE 2016

O desempenho da indústria brasileira em outubro de 2016 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, queda na margem de 1,1%. Na comparação com o mesmo mês em 2015 a indústria registrou retração de 7,2%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), "a essa altura dos acontecimentos, fica claro que perdeu força o processo de moderação da crise industrial que marcou o primeiro semestre de

2016. A sucessão de resultados mensais positivos na série com ajuste sazonal foi interrompida, dando lugar a taxas negativas não desprezíveis. Para se ter ideia, a indústria encerrou o primeiro semestre do ano com alta de 1,6% em relação a dez/15 na série com ajuste, algo que viria a se perder nos últimos meses, com a produção caindo 4,3% entre junho e outubro. Dado que a política econômica tem assistido de forma passiva a esta nova fase de deterioração da indústria, é bem possível que o revés do crescimento do PIB no terceiro

trimestre do ano venha se repetir no quarto trimestre, adiando ainda mais o início de uma recuperação. É preciso mudar de postura, colocando em pauta a redução mais rápida dos juros; a aceleração das concessões, encontrando soluções para seu financiamento; a facilitação e barateamento dos financiamentos do BNDES; a manutenção de uma taxa de câmbio competitiva e a adoção de um programa comedido, porém efetivo, de gastos do setor público em investimentos em infraestrutura".

Indicadores Conjunturais da Indústria em Outubro/2016

| Segmentos | Variação % | | | |
|-----------------------------|-----------------------------|-------------|---------------------|--------------------------|
| | Out16/Set16 (com ajuste) | Out16/Out15 | Acumulado no Ano | Acumulado em 12 meses |
| Classe de Indústria | | | | |
| Indústria Geral | -1,1 | -7,3 | -7,7 | -8,4 |
| Indústria Extrativa Mineral | -0,7 | -8,6 | -12,1 | -11,9 |
| Indústria de Transformação | -1,3 | -7,0 | -7,0 | -7,9 |
| Categoria de Uso | | | | |
| Bens de Capital | -2,2 | -9,8 | -14,4 | -17,4 |
| Bens Intermediários | -1,9 | -7,0 | -7,4 | -8 |
| Bens de Consumo | -0,4 | -7,3 | -6,5 | -7,1 |
| Duráveis | -1,2 | -6,8 | -17,5 | -19,2 |
| Semiduráveis e não Duráveis | -0,8 | -7,5 | -3,6 | -3,8 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Bruna P. Cerqueira Pedrosa de Oliveira

Danielle Ferreira de Melo

Evelyn Rayssa de Lima Oliveira

Larissa de Amorim Fernandes

Ligia Maria de Araújo Silva

Luana Pereira da Silva